**IMORTAIS DA ACADEMIA**

**EPISÓDIO 9 – A SAUDADE IMORTAL DE UM SOL DE ESTIO**

**01:00:17:26**

ABERTURA

**01:00:22:10**

**OFF**

Quarenta cadeiras que acolhem passado e presente,

Arte e ciência, pensamento e memória,

Legando o que há de mais notável na literatura brasileira.

A cada episódio, uma cadeira a revelar gerações de brasis.

Sob o teto da Academia Brasileira de Letras,

Assenta-se o nobre e glorioso domínio da imortalidade.

**01:01:04:06**

**VIDEOGRAFISMO – Imortais da Academia**

**01:01:24:10**

**ALBERTO DA COSTA E SILVA – Atual ocupante da Cadeira 09**

Meu pai ficou doente muito jovem, aos 40 e poucos anos, e nós fomos pra Fortaleza onde eu passei minha infância. Eu saia com ele e o enfermeiro para passear nos arredores da cidade e ele ia me dizendo o nome de todos os passarinhos que nós encontrávamos e das plantas. Ele tinha tudo isso como se fosse uma enciclopédia viva da natureza. Ele ia explicando e quando não sabia ele ia inventando, inventando coisas bonitas que me deixavam verdadeiramente perplexo e que me causam admiração até hoje na minha memória.

**01:02:13:11**

**VIDEOGRAFISMO – Cadeira 09: A saudade imortal de um sol de estio**

**01:02:20:13**

**ALBERTO DA COSTA E SILVA – Atual ocupante da Cadeira 09**

Ele foi um poeta que escreveu muito sobre a saudade. “Noites de junho... O caburé com frio, Ao luar, sobre o arvoredo, piando, piando, E, ao vento, as folhas lívidas cantando A saudade imortal de um sol de estio. Saudade! Asa de dor do pensamento! Gemidos vão de canaviais ao vento. As mortalhas de névoas sobre a serra... Saudade! O Parnaíba – velho monge. As barbas brancas alongando... E, ao longe, o mugido dos bois da minha terra...”. O mugido dos bois do Piauí ficaram dentro de mim até hoje.

**01:03:11:28**

**ALBERTO DA COSTA E SILVA – Atual ocupante da Cadeira 09**

O Barão do Rio Branco escolhia os candidatos a diplomacia no almoço que ele dava no Itamaraty. Ele convidou meu pai para um desses almoços e depois do almoço, ele disse para o meu pai: “Da Costa, você é um homem inteligente, fala muito bem francês, é um poeta importante, mas você é muito feio. Se você entrar na diplomacia, vão acreditar que os brasileiros são realmente os “macaquitos” de que falam os nossos vizinhos.” E meu pai não entrou pra diplomacia. Então eu entrei para tirar uma desforra do Barão do Rio Branco. Eu entrei, fiz minha carreira como se fosse o meu pai que estivesse fazendo. Aliás, toda a minha vida foi timbrada pelo meu pai. Quando eu entrei aqui na Academia Brasileira de Letras, no discurso eu disse, que eu estava entrando porque meu pai tinha adoecido cedo e não podia ter entrado na Academia como ele desejaria. Então, na realidade, eu procurei fazer na vida tudo aquilo que meu pai teria feito, se não tivesse sido atingido pela doença tão cedo, se não tivesse ficado impossibilitado de cumprir o seu destino. Minha vida toda foi dedicada a diplomacia. Eu tive uma vida intelectual paralela. Eu costumo dizer que eu dediquei a minha vida intelectual as horas menos cansadas que eu tive da minha atividade diplomática. Porque eu leve a diplomacia muito a sério e a diplomacia tem de ser levada a sério para ser eficaz. De maneira que foi muito tempo, foram muitas horas. Agora, ao mesmo tempo que a diplomacia, de uma certa maneira, me impediu de escrever durante muito tempo uma obra mais vasta, ela também me ajudou muito, porque foi graças a diplomacia que eu pude conhecer os países africanos, que eu pude desenvolver essa minha, isso que já foi peculiaridade, eu diria que hoje é uma especialização, ou eu diria mais, que é simplesmente a paixão pelo continente africano e a paixão pelo homem africano, pelo ser humano africano.

**01:05:44:26**

**Lilia Schwarez – Doutora em Antropologia Social**

O Alberto da Costa e Silva, o doutor Alberto, como todo mundo chama, ele é embaixador de formação que deu a ele um perfil muito interdisciplinar, muito amplo, muito “avant la lettre”, antes dessa ideia de interdisciplinaridade fazer sucesso. Além do mais, ele é filho de um grande poeta e que o fez um grande leitor de poesia, quer dizer um grande cultor de poesia, e ele próprio um poeta. Além do mais, ele por conta da sua experiência diplomática na África, ele escolheu a África de coração. Então, ele acabou se transformando no nosso maior africanista, então, o tempo que ele serviu na Nigéria fez dele uma pessoa que viveu África, não é só que ele estudou a África, ele respira África, ele pensa África, e ao mesmo tempo, a experiência toda que ele tem no Brasil, e teve, toda a experiência dele no Itamaraty, toda a experiência dele junto com o presidente, junto a nossa política, junto a nossa sociedade, junto a nossa cultura, fez com que ele conhecesse, enfim, a historia do Brasil de uma forma muito geral e muito particular.

**01:07:04:28**

**OFF**

“Disto, da enorme diversidade de maneiras de fazer, pensar e viver, que torna a África várias Áfricas, creio que dei boa notícia. No seu dia a dia, um abexim pode ser tão diferente de um ijexá, e este de um pende, e um pende de um mandinga, e um mandinga de um soto, quanto um alemão de um anda luz, quanto um húngaro de um escocês.”

*A manilha e o Libambo*

*Alberto da Costa de Silva*

**01:07:36:08**

**Lilia Schwarez – Doutora em Antropologia Social**

Além de tudo, o Alberto é um grande erudito, né, e tem uma sensibilidade que é só dele, enfim, como conta de dois mais dois muitas vezes da cinco, no caso dele da seis né. Então, ele colocou todos esses elementos no mesmo pacote, e fez esse modelo de história muito dele, porque o Alberto escreve história como poeta, e faz poesia como historiador também, eu diria. Então, ele tem essa maneira muito única de unir gêneros que parecem tão distintos na teoria, mas que na pratica não são, por exemplo, historia e arte literária. Então, ele primeiro mostra como é preciso escrever historia, mas, enfim, quem não tiver uma veia literária, não tiver um amor por literatura, não vai escrever bem, não vai escrever boa história, ao mesmo tempo ele faz história como historiador com H maiúsculo, ou seja, ele vai aos arquivos, ele confere documentos, ele vai aos viajantes, então, de fato ele tem um trafegar muito raro na historiografia e também na crítica, e na literatura brasiliense.

**01:08:56:24**

**OFF**

Saudade uma recorrência na cadeira nove, se Alberto da Costa e Silve tem nas lembranças do pai um esteio, o antecessor Marque Rebelo, pseudônimo de Edi Dias da Cruz, teve nas memórias de um Rio de Janeiro que já não existe sua toada.

**01:09:21:26**

**Mario Luiz Frungillo – Doutor em Teoria e História Literária.**

Marques Rebelo é principalmente o autor da “Estrela Sobe”, e acho que é o romance mais famoso dele e foi filmado com a Betty Faria, Carlos Eduardo Dolabella, isso nos anos 70. Ele é conhecido principalmente por esse romance, mas justamente esse é um modo de conhecer que não é propriamente, não da ideia da obra dele. A obra dele é bastante extensa e a impressão que eu tenho é que ao longo do tempo foi se cristalizando uma visão do Marques Rebelo que não corresponde, não da conta da extensão e da amplitude da obra. Então, nos anos 30 quando ele começa, ele começa com um volume de contos muito bem sucedido que se chamava “Oscarina”, e depois ele publica dois romances ainda dentro dos anos 30, quer dizer, ele é esse, ele é um desses autores dessa geração de 30, chamado o romance de 30, mas ele continua sendo visto principalmente como um contista. Publica outros volumes de contos, “Três caminhos”, “Estela me abriu a porta”, e ele é nos anos 30 ele é contista por excelência.

Marques Rebelo

Posse em 1965

**01:10:37:12**

**OFF**

“Morávamos nós em São Francisco Xavier, perto da estação, numa boa casa de dois pavimentos, jardinzinho com repuxo na frente e fresca varanda do lado onde nascia o sol, se bem que por essa época não andasse ainda meu pai muito certo da sua vida para arrastar, sem alguma dificuldade, o luxo de residência tão ampla e confortável, mas temos que perdoar a ele, entre outras fraquezas, esta da ostentação, já que a perfeição foi negada por Deus à alma das criaturas.”

*Oscarina*

*Marques Rabelo*

**01:11:18:05**

**IZA QUELHAS – DOUTORA EM LETRAS**

O Marques Rebelo vem numa linha do romance urbano, então, ele vem numa linha do Machado, é, não é que ele seja parecido com o Machado, mas a ambientação que ele escolhe é parecida. Só que o Machado, as personagens circulam no máximo no centro e na zona sul, os personagens de Marques Rebelo eles estão todos na zona norte, é a figura do malandro, é a figura da casa simples, de vila. Então, é um cenário muito, que ainda perdura hoje. Quando ele descreve a cidade, ele escreve o avesso de um cartão postal, então, já na década de 30 ele não deixa margem a que se pensem que o Rio de Janeiro é uma cidade maravilhosa, então, isso de uma certa forma é um pouco raro. Ele tem um vida boemia, ele mora algum tempo na zona sul, mas ele vai pra zona norte, ele morou praticamente a vida toda no subúrbio, então, ele adora o subúrbio, e todas as personagens, as ambientações são de lá, ele tem uma proximidade com Noel Rosa, no gostar de Vila Isabel, por exemplo.

**01:12:53:28 – VINHETA**

**Estamos apresentando Imortais da Academia**

**01:13:11:25 – VINHETA**

**Voltamos apresentar Imortais da Academia**

**01:13:20:14**

**OFF**

Autor do livro inaugural do romantismo brasileiro, o patrono da cadeira nove, Gonçalves de Magalhães cravou em sua obra o sentimento de viver longe da pátria.

**01:13:33:25**

**IVETE KIST – DOUTORA EM LINGUÍSTICA E LETRAS**

O Gonçalves de Magalhães pertencia à boa sociedade carioca, ele nasceu em 1911, mas passou muito tempo na Europa, e como os bem nascidos da época ele pode ter sua formação na Europa, e não só em Portugal como a maioria da época aconteceu com eles, mas Gonçalves de Magalhães viajou pela Europa. Então, em Paris mesmo ele lança os famosos ”Suspiros Poéticos e Saudades”, que deu pra ele assim uma áurea de iniciador do romantismo brasileiro, isso é bastante conhecido, embora esses suspiros poéticos e saudades não tenham lá tanto assim de brasileiro como se pretendeu, a critica da época pretendeu que tivesse, é interessante porque mesmo a poesia de Gonçalves de Magalhães ela é menos romântica do que ela entrou para a tradição como se julgando que fosse. Ela basicamente apresenta cenários europeus, o tom assim mais romântico vem mais da saudade que ele tem, e de algum sentimento que brota do contato com o cenário, é muito assim, muito incipiente, até muito frágil o romantismo dele comparando com o que veio depois, mas Gonçalves de Magalhães soube construir a ideia de que aquilo era romântico e de fato tinha uma certa novidade em relação ao que veio antes. Agora, em relação ao que veio depois é muito, muito incipiente assim é realmente o começo do romantismo.

Gonçalves de Magalhães

Patrono da Cadeira 09

**01:15:32:07**

**OFF**

Ó saudade! Ó saudade! Pois que em minha alma habitas, E sem cessar me lembras pais, e Pátria, Minhas tristes endechas serão tuas, Saudade, serei teu... Saudade, és minha.

*Invocação à Saudade*

*Gonçalves de Magalhães, em Suspiros Poéticos e Saudades.*

**01:15:55:11**

**IVETE KIST – DOUTORA EM LINGUÍSTICA E LETRAS**

Ele queria ser o iniciador do romantismo brasileiro, isso era deliberado, documentos mostram que ele se pretendia o fundador do romantismo brasileiro, amigos dele que escrevem as primeiras obras que falam da literatura brasileira vão dizer isso também, e acho que é mais por ai que se consolida a ideia de que ele é o iniciador, do que propriamente pela obra que ele realiza. Não tira o mérito da obra dele, mas ele também vivia em um ambiente que estava construindo a historia da literatura brasileira e ele era um dos protagonistas e os amigos dele era gente que escrevia sobre a literatura e eles todos juntos desenvolveram a ideia de que ai estava sendo fundada a literatura brasileira, e ele teve uma posição importante, até decisiva, claro, no rumo da literatura brasileira. Eu acho que ele merece ser patrono de uma cadeira na Academia, claro.

**01:17:09:14**

**OFF**

Gonçalves de Magalhães não é o único cujo os poemas habitam a cadeira 09, Alberto da Costa e Silva soma a esse legado seus versos tão notáveis.

Alberto da Costa e Silva

Posse em 2000

**01:17:21:21**

**ALBERTO DA COSTA E SILVA – ATUAL OCUPANTE DA CADEIRA 09**

Eu escrevi sempre pouca poesia, porque eu sempre fui muito exigente. Acho que se escrevem versos demais. Pessoas que não têm o que dizer ficam escrevendo em versos, porque creem que escrever em versos é fácil. Um bom verso é duríssimo de se achar e de se fazer. E escrever poesia é uma dádiva que só aqueles que a enfrentam com humildade são capazes de compreender. Então eu escrevia, eu escrevia três, quatro poemas por ano. Às vezes dois, às vezes três, às vezes em circunstâncias especiais um pouco mais, cinco ou seis. De maneira que a minha obra poética fica um pouco acima de cem poemas, mas eu me consolo com outros grandes nomes, eu não sou um grande nome, sou um nome pequenino. Mas a poesia de Mallarmé, ou de Ezra, ou de T.S Eliot corresponde mais ou menos a isso. Eles escreveram muito em prosa e pouco em poesia. E acabei por me dedicar aos estudos africanos. Por quê? Porque você aos setenta anos tem pouco o que dizer na linguagem poética, mas na linguagem da história você ainda tem muito o que dizer. Quando eu me aposentei do Itamaraty, eu então fiquei com tempo livre para escrever sobre o que era a minha paixão, que é a história da África. Escrevi ainda alguns poemas, mas eu creio que o poeta ficou no passado.

**01:18:59:15**

**OFF**

Se houvesse o eterno instante e a ave ficasse em cada bater d'asas para sempre, se cada som de flauta, sussurro de samambaia, mover, sopro e sombra das menores cousas não fossem a intuição da morte, salsa que se parte... Os grilos devorados não fossem, no riso da relva, a mesma certeza de que é leve a nossa carne e triste a nossa vida corporal, faríamos do sonho e do amor não apenas esta renda serena de espera, mas um sol sobre dunas e limpo mar, imóvel, alto, completo, eterno, e não o pranto humano.

*Triste Vida Corporal*

*Alberto da Costa e Silva, em Poemas Reunidos.*

**01:19:55:19**

**ALBERTO DA COSTA E SILVA – ATUAL OCUPANTE DA CADEIRA 09**

Realmente me dediquei à história de África numa época em que ninguém acreditava que a África tivesse uma história. E excetuado certos grandes antropólogos, grandes etnólogos, grandes homens de ciência da Inglaterra, da Alemanha, da França, dos Estados Unidos que estavam fazendo já história da África. No Brasil ninguém pensava em história da África. Quando eu comecei a me dedicar à história da África as pessoas me diziam: “por que você não estuda a Grécia? Por que você não estuda a Europa medieval?”. Mas o que me interessava na história da África não era apenas o ineditismo, era também o muito de poesia, o muito de invenção, o muito de percepção, desenvolvimento de uma percepção mais aguda do ser humano e da sua aventura sobre a terra. É uma das heranças que não podem ser estudadas separadamente. Porque, no Brasil, tudo se misturou tudo se confundiu. É difícil você dizer numa determinada atividade, onde começa a África, onde começa a Europa, onde começa a Ameríndia. Porque o Brasil não foi apenas o lugar onde se misturaram europeus, africanos e ameríndios, foi o lugar onde o europeu português de Trás-os-Montes pela primeira vez conversou com algarvio. E o espanhol conversou com o alemão. O jalofo veio conhecer o iorubá. E o fon veio conhecer o andongo. Na África, eles nunca tinham se encontrado, não sabiam como eram. Vão se encontrar no Brasil. E o Brasil vai fazer uma espécie de colóquio com todos esses povos e com todas essas culturas. É essa a nossa peculiaridade. E, como o Darcy Ribeiro costumava dizer, naqueles seus rompantes de inventiva vocabular, que nós tínhamos a vantagem de ser nenhum, da ninguidade de não ser nada, de ser tudo, não se focando em ser coisa alguma.

Alberto da Costa e Silva

Posse em 2000

**01:22:30:01**

**LILIA SCHWAREZ – DOUTORA EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

Doutor Alberto, ele optou pela África, num momento em que ele como diplomata podia escolher o local que quisesse. Eu acho que essa foi uma escolha muito difícil, ele faz isso em um momento em que a África não estava na nossa agenda como está no momento contemporâneo, eu diria, ao contrario, que o doutor Alberto é um dos grandes responsáveis por essa batalha, para que a gente estude a África, para que a gente reconheça a importância da África no nosso passado, para que a gente ensine para as crianças como nós temos muitos passados, não só um passado africano, mas como nós temos um passado europeu, um passado americano, um passado indígena, mas um passado africano de muitas Áfricas como diz sempre o doutor Alberto que faz toda a diferença.

**01:23:40:04**

**VIDEOGRAFISMO**

Cadeira 09:

Patrono – Gonçalves de Magalhães

Fundador – Carlos Magalhães de Azeredo

 Marques Rebelo

 Carlos Chagas Filho

Atual – Alberto da Costa e Silva